

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT01.112

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA CONTEMPORANEIDADE NUMA PERSPECTIVA DECOLONIAL: UM CAMINHO PARA A DIVERSIDADE E EQUIDADE NA EDUCAÇÃO

Izaira Aparecida da Silva<sup>1</sup>  
Alessandra Bezerra dos Santos Andrade<sup>2</sup>  
Joana Batista de Souza<sup>3</sup>  
Samara Santos Silva<sup>4</sup>

## RESUMO

Esse artigo, aborda a necessidade da implementação da abordagem decolonial na educação, desafiando paradigmas estabelecidos e levantando questões relacionadas ao poder, conhecimento e inclusão. O foco recai especialmente na formação de professores sob a perspectiva decolonial, visando estimular reflexões e debates sobre o tema em diversos contextos educacionais. O objetivo geral é destacar a relevância dessas políticas para a formação de professores capazes de refletir sob a ótica decolonial, promovendo uma educação mais inclusiva, diversificada e alinhada com os princípios de justiça social e de reconhecimento da pluralidade de saberes e formas de atuação. A metodologia adotada de abordagem qualitativa, bibliográfica, de cunho interpretativo, sustentada pela leitura e análise dos aportes teóricos selecionados, contribui para a construção de um arcabouço conceitual sólido, fundamentando a pesquisa em bases teóricas consistentes e ampliando a compreensão

1 Mestranda do Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação / Linha de Pesquisa: Linguagem, Educação e Cultura/Universidade Federal de Rondonópolis; [silva.i@aluno.ufr.edu.br](mailto:silva.i@aluno.ufr.edu.br);

2 Mestranda do Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação / Linha de Pesquisa: Linguagem, Educação e Cultura/Universidade Federal de Rondonópolis; [alessandra.bezerra@aluno.ufr.edu.br](mailto:alessandra.bezerra@aluno.ufr.edu.br);

3 Mestranda do Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação / Linha de Pesquisa: Linguagem, Educação e Cultura/Universidade Federal de Rondonópolis; [batista.joana@aluno.ufr.edu.br](mailto:batista.joana@aluno.ufr.edu.br);

4 Mestranda do Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação / Linha de Pesquisa: Linguagem, Educação e Cultura/Universidade Federal de Rondonópolis; [samara.santos@aluno.ufr.edu.br](mailto:samara.santos@aluno.ufr.edu.br).



do tema em estudo. Em seu percurso teórico, a pesquisa provoca reflexões, dentre outras coisas, o quão necessário se faz a cobrança sistêmica de políticas públicas efetivas de resistência à visão eurocêntrica bem como o papel da educação e das práticas pedagógicas no engajamento com vozes oprimidas em diversos contextos sociais. A pesquisa se sustenta nas contribuições de hooks (2013), Arroyo (2018), Libâneo (2005), Saviani (2011), Imbernón (2009), Mignolo (2017), Walsh (2013), entre outros. As análises enfatizam a relevância de uma educação decolonial que não apenas reconheça e respeite a individualidade de todos os povos, mas também represente genuinamente os anseios da sociedade civil. É somente por meio desse enfoque que poderemos garantir uma educação justa, inclusiva e de qualidade, que prepare os estudantes para o crescimento pessoal, profissional e comunitário, ao mesmo tempo em que fomenta o desenvolvimento de uma consciência crítica e o engajamento em uma cidadania ativa.

**Palavras-chave:** Decolonidade, Educação, Práticas pedagógicas, Diversidade, Identidade.

## INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, o processo de formação dos professores tem evoluído, contudo, ainda há espaço para melhorias a fim de acompanhar as inovações e demandas da sociedade contemporânea. Investigar a formação dos professores, sua identidade e como isso contribui para práticas reflexivas e resignificadas em prol de uma educação decolonial torna-se urgente.

A implementação da abordagem decolonial na educação desafia paradigmas estabelecidos e suscita questões complexas sobre poder, conhecimento e inclusão, gerando controvérsias entre estudiosos e profissionais do campo educacional. Os embates institucionais também surgem como obstáculos significativos, uma vez que as estruturas educacionais arraigadas em paradigmas coloniais resistem à mudança e à ruptura com modelos preestabelecidos. A desconstrução de conceitos eurocêntricos e a valorização de saberes locais revelam uma complexidade envolvida na promoção de uma educação inclusiva e diversificada.

Nesse contexto, destaca-se a importância de políticas públicas externas para capacitar professores a refletir sob a perspectiva decolonial, fomentando uma educação comprometida com o empoderamento individual e a promoção de novos saberes e formas de atuação, implicando em novos modos de pensar, agir e sentir.

Ao lidar com os conflitos culturais e os desafios da equidade, uma abordagem decolonial na educação propõe a valorização e integração de múltiplos saberes presentes na sociedade, desafiando a hierarquia de conhecimentos e perspectivas. A formação de professores surge como um ponto essencial nesse processo, exigindo a superação de resistências para capacitar educadores engajados com a transformação social e a construção de uma educação mais justa e igualitária.

Diante dessas controvérsias e desafios, torna-se essencial um engajamento crítico e reflexivo para avançar na construção de práticas pedagógicas inclusivas e alinhadas com os princípios da decolonialidade na educação.

Considerando as complexidades envolvidas na implementação da abordagem decolonial na educação, é necessário investigar maneiras de superar tais desafios para promover uma prática educacional mais inclusiva e diversificada. Nesse sentido, o presente estudo parte da hipótese de que a superação dos conflitos culturais, dilemas de equidade e resistências institucionais ocorrerá por

meio de um engajamento crítico e reflexivo, aliado à formação adequada de professores e à valoração dos saberes local. Essa abordagem busca efetivar uma educação decolonial que fomente a justiça social e reconheça a diversidade de conhecimentos e perspectivas.

Assim, o objetivo desta pesquisa é destacar a relevância das políticas públicas educacionais na formação de professores capazes de refletir sob a ótica decolonial, com foco na capacitação prática e na transformação de perspectivas. Busca-se não apenas promover uma educação mais inclusiva e diversificada, mas também alinhada com os princípios de justiça social e de reconhecimento da pluralidade de saberes e formas de atuação.

A necessidade de aprofundar as controvérsias, dilemas e conflitos inerentes à implementação da abordagem decolonial na educação fundamenta a realização deste estudo. Nesse sentido, investigar e identificar estratégias eficazes para superar os obstáculos que podem surgir durante esse processo de transformação torna-se essencial, dado a urgência em promover uma educação mais inclusiva, diversificada e equitativa.

Como procedimento metodológico adotamos a pesquisa bibliográfica que, segundo Boccato (2006, p. 266) oferece “[...] subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica”, isso implica em conduzir a pesquisa a partir de material previamente organizado, composto principalmente por fontes científicas existentes e confiáveis. As reflexões serão sustentadas nos embasamentos teóricos de hooks (2013), Arroyo (2018), Libâneo (2005), Saviani (2011), Imbernón (2009), Mignolo (2017), Walsh (2013), dentre outros.

Nossas discussões foram estruturadas em três momentos diferentes. Inicialmente, abordamos o conceito de colonidade epistêmica e defendemos a emergência das formações de professores sob uma perspectiva decolonial como forma de resistência aos processos de dominação e exploração eurocêntrica.

Num segundo momento, fundamentamos o estudo nas literaturas sobre Decolonidade, promovendo uma reflexão aprofundada sobre o papel das políticas públicas na formação docente e sua intersecção com a diversidade cultural e os saberes decoloniais.

Em seguida, nosso foco recai na importância da formação docente na perspectiva da diversidade sociocultural e nas disparidades sociais para uma educação emancipatória e democrática. Por fim, apresentamos as discussões e resultados e tecemos as considerações finais.

O pensamento colonial emergiu no século XV na Europa como uma maneira de legitimar as ações, perspectivas e sentimentos europeus, estabelecendo a Europa como epicentro e referência global, enquanto classifica as demais nações como inferiores. Conforme Mignolo (2017) afirmou, “[...] não há modernidade sem colonialidade”. Dessa forma, tanto o pensamento decolonial quanto as ações decorrentes surgem como formas de resistência contra o eurocentrismo exacerbado e tendencioso que subalterniza e explora os povos não europeus.

A ideia de decolonialidade está intrinsecamente vinculada à prática de oposição e intervenção que surgiu como ocorrência às estruturas imperiais do sistema mundo moderno/colonial, iniciado em 1492 (Bernardino-Costa; Grosfoguel, 2016).

[...] a decolonialidade consiste também numa prática de oposição e intervenção que surgiu no momento em que o primeiro sujeito colonial do sistema mundo moderno/colonial reagiu contra os desígnios imperiais que se iniciou em 1492 (Bernardino-Costa; Grosfoguel, 2016, p. 17).

Ao refletirmos sobre a importância da decolonialidade na Educação ao longo da história, torna-se evidente a necessidade de questionar e transformar as relações de poder e opressão presentes, heranças do colonialismo e das estruturas de poder sócio-político-culturais vigentes. A decolonialidade na Educação se apresenta como uma ferramenta essencial para questionar e transformar essas relações de dominação, visando promover uma educação mais inclusiva, equitativa e emancipadora para todos os indivíduos envolvidos no processo educacional, alinhando-se ao desenvolvimento de projetos decoloniais que buscam desconstruir trajetórias e promover a justiça (Walsh, 2013).

Os movimentos sociais desempenham um papel fundamental na desconstrução do estigma de inferioridade atribuída aos povos não europeus, lutando contra a imposição padrões eurocêntricos de inferioridade (Arroyo 2018).

É fundamental refletir e questionar os interesses reais atribuídos à educação, a fim de garantir que ela não seja coercitiva e evite a supressão das culturas identitárias dos povos considerados inferiores ao padrão eurocêntrico. O ambiente escolar deve ser um espaço de interação e valorização de diversos conhecimentos, evitando a perpetuação de conceitos estáticos e excludentes.

Apesar dos desafios, a educação é uma ferramenta poderosa para validar diferentes formas de aprendizagem e experiências, desconstruindo conceitos

estabelecidos e promovendo novos significados para combater sistemas opressivos. Destaca-se a importância da formação de educadores críticos e reflexivos, capazes de incorporar uma abordagem decolonial que valorize a diversidade, a inclusão e o diálogo intercultural na educação.

No contexto de reflexões constantes, é fundamental aprofundar a análise dos desafios e possibilidades da formação decolonial de professores contemporâneos para enriquecer e orientar as práticas educacionais atuais. Ao explorarmos a desconstrução de paradigmas coloniais e a promoção de práticas pedagógicas inclusivas e emancipatórias, destacamos a importância dessa abordagem na formação dos educadores e seu impacto direto na qualidade do ensino.

Imbernón (2009) destaca a importância de explorar novas abordagens de atuação que contribuam para a construção do futuro, incentivem a inovação e revelem novas formas de compreender e interpretar a realidade educacional. Essa preocupação ganhou nas últimas décadas, período marcado por mudanças e crises constantes.

Saviani (2011) ressalta a importância dos saberes sistematizados no contexto escolar, ao afirmar que “a escola tem a função de garantir aos alunos o acesso aos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade”. Em suas palavras, (Saviani, 2011, p. 40),

Assim, o saber que diretamente interessa à educação é aquele que emerge como resultado do processo de aprendizagem, como resultado do trabalho educativo. Entretanto, para chegar a esse resultado a educação tem que partir, tem que tomar como referência, como matéria-prima de sua atividade, o saber objetivo produzido historicamente.

Cabe ressaltar que nos inquieta a ênfase na promoção de programas de formação de professores que são padronizados, em detrimento das reais necessidades do corpo docente. É necessário que tais programas levem em consideração as demandas, anseios e necessidades contemporâneas da decolonidade. É fundamental que as formações docentes adotem uma abordagem que valorize as diversas culturas, conhecimentos e saberes que foram historicamente marginalizados. Os programas de formação devem fornecer ferramentas e estratégias para que os educadores possam contemplar, respeitar e incorporar as perspectivas decoloniais em suas práticas pedagógicas.

Nesse contexto, é fundamental salientar que o processo de decolonização requer o comprometimento ativo de cada professor com sua função, concre-

tizando-se por meio de sua prática e do desenvolvimento de conhecimentos abrangentes sobre diversas áreas essenciais para uma educação inclusiva e transformadora.

Diante das reflexões sobre o tema, é importante considerar o papel fundamental do professor como agente incentivador de uma educação reflexiva, fundamentada na prática da escuta ativa, que permite ao estudante reafirmar e fortalecer sua individualidade e liberdade. Esse processo implica romper com uma educação permeada por relações de poder e agressividade, promovendo um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e inclusivo.

## METODOLOGIA

O contato inicial com o tema surgiu a partir das vivências da autora e de uma coautora, enquanto alunas especiais na disciplina de Teorias da Educação Moderna e Contemporânea, durante os meses de março a julho de 2023, pelo programa de pós-graduação em Educação PPGEduc – UFR-MT.

A pesquisa teve início a partir do conhecimento da temática e da compreensão da importância de discutí-la de forma mais ampla. A escolha pelo tema “Decolonidade” foi motivada pela nossa atuação como educadoras e pela percepção de sua extrema importância para instigar reflexões e buscar mudanças de postura no campo educacional.

Durante nossa experiência na disciplina, fomos instigadas a refletir sobre o nosso papel como educadoras, por meio das leituras, reflexões e participações em seminários. Essa experiência teve um impacto significativo em nossa perspectiva, levando-nos a nos conectar com as ideias dos autores e a sentir a necessidade de compartilhar essas reflexões com todos os envolvidos no processo educacional. Ressaltamos que essa necessidade se potencializava a cada novo texto discutido, evidenciando a constante evolução de nossas práticas e pensamento crítico.

Nessa intenção, de início fizemos um ensaio para atender ao requisito da nota na disciplina e, posteriormente, na compreensão que o texto deveria provocar maiores reflexões, o adequamos ao formato aqui apresentado.

Tomando como base os objetivos dessa pesquisa caracterizamos como sendo de abordagem qualitativa, que de acordo com Minayo (1994, p. 21), “pesquisas qualitativas abordam questões específicas em um nível de profundidade que não pode ou não deve ser expressa em termos quantitativos”.

Quanto aos objetivos, ressaltamos que a pesquisa apresenta um viés exploratório e interpretativo. É exploratória, pois conforme Gil (2017, p. 41) “pesquisas exploratórias objetivam facilitar familiaridade do pesquisador com o problema objeto da pesquisa, para permitir a construção de hipóteses ou tornar a questão mais clara” e descritiva que “[...] juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática” (Gil, 2017, p. 42).

Para compor o corpus da pesquisa, realizamos um levantamento bibliográfico sustentado, inicialmente, pelas leituras de artigos recomendados durante a disciplina de Teorias da Educação Moderna e Contemporânea. Posteriormente, ampliamos nossa base teórica com a incorporação de autores relevantes, como hooks (2013), Arroyo (2018), Libâneo (2005), Saviani (2011), Imbernón (2009), Mignolo (2014), Walsh (2013), dentre outros que contribuem significativamente para a discussão sobre a decolonidade.

Como procedimento metodológico adotamos a pesquisa bibliográfica conforme definido por Boccato (2006, p. 266) oferece “[...] subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica”, isso implica em conduzir a pesquisa a partir de material previamente organizado, composto principalmente por fontes científicas existentes e confiáveis. As reflexões e análises serão sustentadas nos referenciais teóricos dos autores referenciados, oferecendo uma base sólida para a discussão proposta.

Inicialmente, nos aproximamos da temática decolonidade por meio das leituras aprofundadas buscando compreender suas nuances e implicações no contexto educacional. Em seguida, aprofundamos nossa investigação teórica, investigando as origens históricas e filosóficas da decolonidade e sua relevância para a educação contemporânea. Em seguida, procedemos à análise e síntese das informações e reflexões coletadas, com a intenção de embasar teoricamente a discussão sobre a decolonidade no ambiente escolar. Esse processo de análise crítica nos permitiu identificar os desafios e as possibilidades de promoção de práticas educacionais mais inclusivas, diversificadas e socialmente justas, alinhadas com os princípios da decolonidade.

Ao longo da pesquisa, priorizamos uma abordagem reflexiva e crítica, procuramos compreender a importância da decolonidade na formação de professores e propor caminhos para a implementação de práticas pedagógicas

mais inclusivas e comprovadas com os princípios da justiça social e do reconhecimento da diversidade de saberes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das inquietações vivenciadas como alunas especiais na disciplina Teorias da Educação do Programa PPGEdu em Educação pelo Programa de Mestrado em Educação campus UFR-MT, surgiram reflexões que apontam lacunas nos programas de formação docente em relação à abordagem da decolonialidade. As demandas contemporâneas da decolonialidade revelam a urgência de reestruturar currículos e práticas pedagógicas para promover uma educação mais inclusiva e culturalmente sensível.

Essas reflexões revelaram a urgência de reestruturar currículos e práticas pedagógicas para atender às demandas contemporâneas da decolonialidade, promovendo, assim, uma educação mais inclusiva e culturalmente sensível.

A abordagem educacional destaca a decolonialidade como essencial para a transformação do ambiente educacional, ressaltando a importância de práticas pedagógicas que valorizam saberes e culturas marginalizadas, promovendo a reflexão crítica sobre as relações de poder e incentivando a emancipação cidadã. A compreensão da decolonialidade e sua aplicabilidade no contexto educacional atual implica considerar a educação como meio essencial de emancipação cidadã.

É necessária a incorporação de abordagens decoloniais no contexto educacional, a fim de valorizar saberes e culturas marginalizadas e a promoção da emancipação dos sujeitos por meio da quebra de tabus e preconceitos, visando uma sociedade mais inclusiva e justa.

As reflexões apontam caminhos para a prática pedagógica, destacando a importância da reflexão crítica sobre as relações de poder, a valorização dos saberes e culturas marginalizadas, e a promoção da emancipação dos sujeitos como elementos essenciais para uma educação mais inclusiva e equitativa.

Nesse contexto, percebe-se que a adoção de práticas pedagógicas decoloniais pode contribuir significativamente para a desconstrução de paradigmas eurocêntricos e a criação de um ambiente educacional mais plural e respeitoso com a diversidade. A valorização da interculturalidade, o combate ao preconceito e a promoção do diálogo intercultural emergem como pilares fundamentais para a construção de uma educação verdadeiramente transformadora.

A implementação de estratégias pedagógicas que valorizem a pluralidade de saberes e vivências é fundamental para uma educação mais inclusiva e comprometida com a promoção da igualdade e da justiça social. Por meio deste estudo, foi possível considerar a urgente necessidade de promoção de políticas educacionais mais conscientes e adaptadas à diversidade de contextos e perspectivas presentes nas instituições de ensino. Destaca-se, nesse contexto, a importância de criar ambientes educacionais mais acolhedores e que atendam às demandas de uma sociedade plural e em constante transformação.

Conforme Freire (1987, p. 3) destaca, é fundamental:

[...] reconhecer os oprimidos como sujeitos de pedagogias, de processos de resistências, de libertação como processos formadores de aprendizados de saberes, valores, culturas, identidades coletivas. Processos de recuperação das humanidades que os opressores lhes roubam.

A modernidade, apesar de contribuiu para o avanço do conhecimento científico, também fragmentou os conhecimentos e intensificou as desigualdades sociais, especialmente no ambiente escolar. Muitas vezes, o conhecimento foi empregado como um instrumento de padronização e exclusão, como destacado por Arroyo (2018), o que impede o pleno desenvolvimento da cidadania pelas pessoas. É essencial considerar a diversidade de formas de aprendizado e a preservação de culturas, saberes e conhecimentos individuais, evitando a imposição de uma única visão dominante.

Diante desse cenário, a educação deve assumir seu compromisso político de promover o conhecimento por meio de espaços de debate, reflexão e questionamento das verdades estabelecidas e naturalizadas pela sociedade. Para isso, é fundamental que o ambiente da sala de aula incorpore a discussão de temas contemporâneos, rompa tabus, supere dicotomias, promova a pluralidade e respeitem à diversidade.

Conforme hooks (2013) é possível ensinar sem fortalecer os sistemas de dominação existentes, desde que essa abordagem seja construída com base nas experiências vivenciadas por todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem. A autora destaca, em sua abordagem pedagógica engajada, a importância da valorização peculiar da presença de cada pessoa e a importância de reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica de sala de aula, contribuindo de forma significativa (hooks, 2013, p. 18).

A urgência de reavaliar o sistema educacional das instituições públicas, sejam elas municipais, estaduais ou federais é evidente. Essa reestruturação visa à formação de estudantes críticos em relação ao patriarcalismo e ao eurocentrismo capacitando-os a serem agentes protagonistas na construção de suas próprias histórias, livres de imposições normativas e padrões externos. Conforme hooks (2013, p.25) destaca, “ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar condições para que o aprendizado possa começar de forma mais profunda e mais íntima”.

Destacar a implementação de políticas públicas externas para a formação de professores é essencial para promover avanços no sistema educacional. Ao fomentar a reflexão sobre práticas pedagógicas, gestão escolar, diferentes tendências e concepções pedagógicas, e a sociedade em geral, tais políticas desempenham um papel fundamental na capacitação dos educadores para lidar com a complexidade e diversidade do cenário educacional contemporâneo. O investimento na formação docente é um alicerce essencial para garantir uma educação de qualidade e alinhada com as demandas atuais.

Nesse sentido, Nóvoa (1991, p. 35) enfatiza que “a formação não se constrói apenas com o acúmulo de cursos de aperfeiçoamento, saberes e procedimentos técnicos, mas sim com um fazer reflexivo, uma crítica autêntica sobre a prática, repensando e reconstruindo novos saberes”.

Ao desafiar o status quo, as pequenas resistências decoloniais na formação de professores direcionam-se para a desconstrução gradual das estruturas coloniais. Esse movimento proporciona espaço para abordagens mais autênticas e libertadoras no âmbito educacional, levando em consideração a importância das políticas públicas externas para a formação de professores sob a perspectiva decolonial e enriquecendo o debate sobre a decolonidade no ambiente escolar.

Torna-se evidente a relevância de abordar esse tema, a fim de sensibilizar os professores para a importância do bem-estar em sua totalidade e suas interconexões, possibilitando a promoção de uma educação que estimule a inclusão, a equidade e a justiça social, rompendo com práticas opressivas, discriminatórias e ideologias vigentes.

Libâneo (2005, p. 2), destaca que a atuação no campo da educação entendida como uma prática social de humanização das pessoas demanda uma responsabilidade social e ética que vai além da mera explicação dos motivos, incluindo também o quê e como agir. Isso implica a postura engajada e reflexiva por parte dos educadores, que ultrapassa o aspecto puramente técnico da

prática pedagógica e se compromete de forma ética e comprometida com a formação integral dos estudantes.

Dessa forma, é evidente que práticas desprovidas de engajamento com as lutas e vozes dos oprimidos não são adequadas em nenhum ambiente. Portanto, é essencial adotar uma postura pedagógica politicamente comprometida, que possa efetivamente promover uma educação verdadeiramente transformadora e emancipatória.

Para atingir esse propósito, é fundamental destacar a importância de uma educação que promova a emancipação cidadã. Cabe ao educador apresentar o conhecimento de forma ampla, sem discriminação ou propagação de ideias preconceituosas. A subvalorização de diversos saberes e conhecimentos podem resultar na eliminação dessas formas de conhecimento, assim como na subestimação de diferentes culturas e heranças culturais, prejudicando o indivíduo em seu processo de construção identitária e desenvolvimento humano.

No decorrer da pesquisa, apresentamos alguns dos desafios e das possibilidades de implementação de práticas pedagógicas decoloniais nas instituições de ensino. Essas discussões revelaram conceitos, ideais e valores implícitos que merecem atenção especial. Os resultados deste estudo reforçam a necessidade de repensar as práticas educacionais, visando à construção de espaços de aprendizagem mais justos, democráticos e socialmente engajados. A formação de professores é essencial para promover uma educação mais inclusiva e sensível às demandas contemporâneas.

As investigações aqui apresentadas representam os primeiros passos em estudos exploratórios em um campo que demanda atenção, diante das diversas perspectivas em aberto. Ressaltamos, porém, a importância de avançar nessas reflexões para a formação de professores. Destacar a necessidade de continuar questionando, explorar novas abordagens, aprofundar o conhecimento acadêmico e contribuir para os avanços no cenário educacional são passos essenciais para preparar futuros educadores para enfrentar os desafios que se apresentam.

Ao nos comprometermos com o debate, realizando uma análise das práticas existentes e propor soluções inovadoras na formação de professores, estamos promovendo a reflexão, o diálogo e a transformação necessária para construir um caminho sólido em direção a uma educação mais equitativa e consciente. É preciso capacitar os professores para mudanças significativas e construir um ambiente educacional mais justo e inclusivo. É importante revisar e aprimorar continuamente abordagens educacionais, para garantir que este-

jamos atendendo às demandas e desafios contemporâneos da educação. A busca constante pela melhoria e adaptação é essencial para a construção de um ambiente educacional mais alinhado com as necessidades da sociedade em constante evolução.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa reflexão, evidenciamos a urgência de uma educação que vá além da visão eurocêntrica, buscando promover a equidade e a valorizar as diferentes culturas. Para efetivar essa transformação, é necessário à implementação de políticas públicas que resistam a essa visão e reconheçam a diversidade de indivíduos e seus interesses na sociedade.

Para avançar nessa discussão, é essencial nos desprendermos das amarras da visão eurocêntrica, ainda arraigada em nossa sociedade e em nossas práticas educacionais. Essa ruptura demanda a acolhida integral do estudante, com a valorização de seus saberes individuais, e a superação dos currículos padronizados que negligenciam a diversidade. A educação, compreendida como um processo em constante evolução, transcende os limites físicos da escola, reconhecendo na sala de aula um espaço de interações significativas. Nesse cenário, o papel do professor precisa ser repensado, abandonando abordagens inflexíveis e adotando uma postura reflexiva que enalteça as diferenças e proporcione um aprendizado mais inclusivo e plural.

No contexto da decolonialidade, é fundamental assumir esse projeto como um compromisso, como afirmado por Walsh (2013, p. 67), ao destacar que não se trata apenas de seguir uma teoria, mas de abraçar uma prática. Refletindo sobre o padrão colonial de poder, conforme apontado por Mignolo (2014, p. 63), nos leva a uma análise crítica de nós mesmos.

É um convite a desaprender para, então, reaprender, como ressalta Walsh (2009, p. 27), especialmente em relação à formação docente.

Para tanto, faz-se necessária, a cobrança sistêmica de políticas públicas efetivas de resistência à visão eurocêntrica, que possibilitem compreender e contemplar todos os povos enquanto indivíduos e que realmente traduzam os interesses da sociedade civil.

Em suma, abordar a decolonialidade implica desafiar as estruturas coloniais e promover a descolonização do conhecimento. A análise da produção científica destaca a importância de estudar as comunidades colonizadas para

compreender suas narrativas, saberes e práticas de resistência. Esse movimento aponta para novos caminhos de pesquisa, evoluindo para uma abordagem mais inclusiva e respeitosa da diversidade cultural e histórica.

Valorizar as narrativas locais e os saberes historicamente marginalizados é essencial para a descolonização do conhecimento e da educação. Isso requer uma conscientização política e abordagens pedagógicas mais inclusivas e críticas. Ao desafiar a supremacia do pensamento ocidental, é fundamental questionar nossas próprias ideias e práticas, especialmente no âmbito educacional, como destacado por Quijano (2000).

Refletir sobre a importância da educação como ferramenta para promover e validar diferentes saberes é fundamental para criar ambientes educacionais que preservem a integridade de todos os participantes. A sala de aula deve ser um espaço que valorize as diversas culturas e saberes, estimulando a reflexão constante e preparando os indivíduos para atuarem em diferentes contextos sociais, contribuindo assim para a desconstrução das bolhas de segregação e opressão.

Nesse sentido, é essencial que as políticas educacionais estejam comprometidas em atender e se envolver com as necessidades sociais emergentes, oferecendo programas de formação contínua para os educadores. Esses programas devem oferecer novas perspectivas sobre suas bases iniciais, capacitando-os a acompanhar as evoluções e demandas da sociedade contemporânea.

Além disso, os educadores precisam estar conscientes das influências presentes no sistema educacional e buscar formas de resistir e subverter dinâmicas opressoras. A consciência crítica sobre a não neutralidade desses elementos não apenas questiona estruturas de opressão, mas também impulsiona a adoção de práticas pedagógicas mais libertadoras, movimentos à equidade, justiça e emancipação dos indivíduos.

Ao nos inserimos no ambiente escolar e nos depararmos com o conhecimento presente nele, é necessário estarmos aberto à reflexão e a análises contínuas. Ainda é possível identificar resquícios de uma escolarização marcada por práticas pedagógicas carentes de significado e repletas de estereótipos que persistem nas instituições de ensino. A necessidade de integrar práticas pedagógicas ao repertório didático-metodológico, fundamentando-as no respeito, no reconhecimento e na valorização da diversidade, é essencial no cenário educacional contemporâneo.

As políticas públicas de formação docente desempenham um papel fundamental na promoção da diversidade cultural e na integração dos saberes decoloniais no ambiente escolar. Neste contexto, a reflexão constante nesses espaços é essencial para valorizar e ressignificar os saberes compartilhados, orientando o processo de ensino. A cultura, longe de ser imutável, é moldada de acordo com o período e os valores das forças dominantes. Diante da pluralidade de expressões culturais e sociais, a escola se depara com questionamentos sobre o que ensinar e como elaborar um currículo que reflita essa diversidade.

É sabido que as tanto as finalidades educativas quanto o currículo são permeados por influências dos interesses do sistema opressor, não sendo neutros. Portanto, é crucial que o currículo de formação cultural e científica esteja enraizado na diversidade sociocultural e nas disparidades sociais, com foco no pleno desenvolvimento das capacidades humanas. Uma educação verdadeiramente emancipatória e democrática exige a inclusão de um currículo que aborde as desigualdades sociais, levando os educadores a repensarem não apenas o conteúdo ensinado, mas também a forma como esse conteúdo é transmitido.

A abordagem decolonial na educação desafia a noção de conhecimento universal, evidenciando a importância de considerar e valorizar os saberes locais, as experiências de vida dos estudantes e as múltiplas perspectivas culturais. Os educadores são instigados a ajustar suas práticas pedagógicas para garantir que o currículo seja atualizado com a diversidade sociocultural e as desigualdades sociais existentes, adotando metodologias participativas que incentivem o diálogo intercultural, a reflexão crítica e a desconstrução de estereótipos e preconceitos.

Diante do exposto, torna-se evidente que a formação docente com abordagem decolonial é um pilar essencial para a promoção efetiva da diversidade cultural e da integração dos saberes decoloniais no contexto escolar. A reflexão contínua nesses espaços não apenas valoriza e ressignifica os saberes compartilhados, mas também direciona de forma significativa o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando uma educação mais inclusiva, crítica e transformadora. Assim, reafirma-se a importância vital das políticas públicas que fomentem a formação de professores comprometidos com a desconstrução de paradigmas coloniais e a construção de um ambiente educacional verdadeiramente emancipatório e diverso.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Reafirmação das lutas pela educação em uma sociedade desigual?** Educ. Soc., v. 39, n. 145, p. 1098-1117, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/jZgN9bxbKPr8m5SKrNCQr5f/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 30 de març. de 2023.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOQUEL, Ramón. Decolonialidade e Perspectiva Negra. Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 15-24, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/issue/view/467/5>. Acesso em: 17 set. 2022.

BOCCATTO, Vera R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação.** Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, 2006, p. 265-274.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GIL, GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed.- São Paulo: Atlas, 2017.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.

IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado: Novas tendências.** 10 ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2009.

LIBÂNEO, José C. As teorias pedagógicas modernas ressignificadas pelo debate contemporâneo da Educação. In: LIBÂNEO, José C.; SANTOS; Akiko. (Org.). **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade.** São Paulo: Alínea, 2005. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/Home/Graduacao/Espacodoaluno/PET-Programa deEducacaoTutorial/Pedagogia/capitulo-libaneo.pdf>

MIGNOLO, Walter D. **COLONIALIDADE: O lado mais escuro da modernidade.** Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 32 nº 94. p. 02, ano. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2023.

MINAYO, Maria. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: RJ: Vozes, 1994.

NÓVOA, Antonio. **Formação de Professores e Trabalho Pedagógico.** Lisboa. Educa. 2002

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina, Nepantla.** Vistas do Sul, Durham, NC, 1.3, p. 533-580. 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações.** 11. ed. rev. Campinas, 2011.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, colonialidad y educación. **Revista Educación y Pedagogía**, v. XIX, n. 48, p. 25-35, 2007. Disponível em: [https://www.flacsoandes.edu.ec/sites/default/files/agora/files/1265909654.interculturalidad\\_colonialidad\\_y\\_educacion\\_0.pdf](https://www.flacsoandes.edu.ec/sites/default/files/agora/files/1265909654.interculturalidad_colonialidad_y_educacion_0.pdf) Acesso em: 17 set. 2022.